

Victor Pereira e Vítor Pinho

15 Mai 2018
19:30 Sala 2

Victor Pereira *clarinete*
Vítor Pinho *piano*

Alban Berg

Quatro Peças para clarinete e piano, op. 5 (1913; c.8min)

1. *Mässig – Langsam* [Moderado – Lento]
2. *Sehr langsam* [Muito lento]
3. *Sehr rasch* [Muito rápido]
4. *Langsam* [Lento]

Jonathan Harvey

Transformations of "Love Bade Me Welcome" (1968; c.10min)

Luís Carvalho

4 Invenções (2015-17, versão 2018; c.13min)

1. *Ecstatic*
2. *Cadenzas*
3. *Improviso*
4. *Funky*

Jörg Widmann

Cinco fragments, para clarinete e piano (1997; c.8min)

1. *Äusserst langsam* [Extremamente lento]
2. *Presto possibile*
3. *Sehr langsam, frei* [Muito lento, livre]
4. *Energiegeladen, sehr schnell* [Com energia, muito rápido]
5. –

Paulo Perfeito

Blackwood Sonic Sculptures (2012; c.16min)

1. *Moderato*
2. *Andante Lento*
3. *Giocoso*
- 4/5. *Prelúdio – Hard Rock*

Os percursos artísticos do clarinetista Victor Pereira e do pianista Vítor Pinho são em muitos momentos partilhados. Desde a década de 90, altura da passagem de ambos pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, partilham regularmente o palco nas principais salas portuguesas e também além-fronteiras, nomeadamente no âmbito da sua colaboração com o Remix Ensemble Casa da Música. Dessa colaboração surgiu naturalmente a oportunidade e o interesse de se apresentarem na formação de duo, tendo participado em eventos como o Encontro Nacional de Clarinetistas em 2014 e a Academia Ibero-Americana do Clarinete em 2016 e 2018.

A formação de clarinete e piano despertou o interesse de compositores como Brahms, Schumann, Saint-Saëns e Debussy,

entre muitos outros. Aliando esse facto a um interesse comum pela música contemporânea (com especial atenção à música portuguesa), o repertório que apresentam nos seus recitais reflecte justamente essa simbiose entre tradição e música actual, incluindo um conjunto de obras de carácter lírico e virtuoso que permitem apreciar a grande versatilidade desta formação.

O século XX de Berg, Harvey e Widmann

Além de obras muito recentes de dois compositores portugueses, o programa deste recital faz um percurso alargado por três momentos do século XX com obras de figuras-chave da música ocidental. Primeiro **Alban Berg** (1885-1935), discípulo de Schoenberg e um dos nomes centrais da chamada Segunda Escola de Viena, o movimento responsável pelo corte radical com a linha da história da música no pós-Primeira Guerra Mundial, corte esse representado pelo dodecafonismo. Quando Berg escreve as suas *Quatro peças para clarinete e piano*, na Primavera de 1913, estamos contudo ainda a alguns anos desse corte mas já num período de avançada desagregação do sistema tonal. A obra é dedicada a Arnold Schoenberg e viria a ser estreada apenas a 17 de Outubro de 1919, em Viena. O momento da sua escrita é especialmente significativo: Berg terminara a sua formação com Schoenberg em 1911 e tinha pouco antes apresentado o ciclo de canções *Altenberg Lieder*, em que aspirava à sua independência em relação à figura tutelar do mestre. Contudo, este ciclo foi extremamente mal recebido pelo público vienense – o que não seria de espantar dada a animosidade existente entre o meio musical da cidade e o círculo afecto a Schoenberg – mas também severamente criticado pelo próprio Schoenberg, que o dirigira num famoso concerto-escândalo em Março de 1913. Por outro lado, esta obra antecede a escrita das *Três peças para orquestra* op. 6 (uma resposta às críticas de Schoenberg que incentivara Berg a dedicar-se a formas mais extensas) e, ainda mais importante, a sua primeira ópera, *Wozzeck* (que lhe traria finalmente o sucesso comercial a uma dimensão continental enquanto compositor de vanguarda). O aforismo caracteriza estas peças de curta duração, com abordagem não temática de linhas pouco desenvolvidas e (segundo Tranchefort) oscilando entre uma quase rarefacção do som e a brusquidão de alguns elementos motivicos. Ao longo da obra (ainda segundo este autor), clarinete e piano vão trocando o material temático entre si operando, por vezes, uma permutação das características individuais de cada instrumento.

Jonathan Harvey (1939-2012) marcou a cultura musical ocidental com um percurso que se estendeu de meados dos anos 60 até anos bem recentes. É considerado o mais importante compositor

britânico no que respeita à música electroacústica, sob a influência de Stockhausen – com quem estudou nos Cursos de Verão de Darmstadt em 1966-67. Mas destacou-se também em muitos outros géneros, entre as peças para instrumentos a solo, a música sacra e as óperas, incluindo naturalmente a música de câmara – neste campo merecem destaque os seus quatro quartetos de cordas. *Transformations of “Love Bade Me Welcome”* pertence a uma fase inicial da carreira do compositor e foi escrita para o clarinetista Alan Hacker, que a estreou com o pianista Ian Lake. Inicia-se com uma transcrição de uma outra peça para vozes que Harvey havia composto anteriormente sobre um poema de George Herbert. A estrutura da obra é descrita por Giles Easterbrook nos seguintes termos: “Sem nunca repetir exactamente ou mesmo aproximadamente o material melódico, [Harvey] recorre a ele de uma maneira bastante oblíqua, usando pequenas células ou grupos de intervalos, separando-os das suas implicações harmónicas e tratando-os, nos seus próprios termos temáticos, independentemente da sua apresentação original. Os primeiros cerca de doze compassos definem a forma e a base emocional da obra, mas as transformações têm uma vida própria, desdobrando-se de acordo com os seus próprios ditames em áreas aparentemente bastante remotas. Embora breve, a peça cobre uma enorme gama dinâmica e explora o material temático com recurso a uma grande imaginação. As secções seguem-se sem interrupção, com o conteúdo de cada uma a desenvolver-se organicamente a partir da anterior. Apesar de toda a sua variedade, o sentimento é muito coeso, autocontido no que diz respeito ao tema original, enquanto a visão espiritual e mística de Herbert está sempre presente, para a unificar a um nível mais profundo.”

No outro extremo do século XX surge o compositor alemão **Jörg Widmann** (n. 1973), clarinetista que toca regularmente com as principais orquestras do mundo. Estudou composição com grandes figuras da música contemporânea alemã, nomeadamente Henze, Goebbels e Rihm, e as suas obras têm sido repetidamente premiadas. Os seus quartetos de cordas conquistaram um lugar de relevo no repertório contemporâneo de música de câmara. Os *Cinco fragmentos* foram estreados em Munique, em Abril de 1997, pelo próprio Jörg Widmann no clarinete e Moritz Eggert no piano. Sobre estas peças afirmou o compositor: “Depois de várias peças em que tratei a fluência e a realização de uma grande forma, fascinou-me em 1997 a ideia de fragmentos: redução, escassez, concentração. Por isso os instrumentos clarinete e piano, que se me tinham tornado queridos, tiveram de se tornar novamente estranhos, dando origem a uma outra familiaridade.”

Luís Carvalho: 4 Invenções

Inicialmente escritas para clarinete e acordeão, cada uma destas quatro peças tem o seu mundo próprio e cria o seu ambiente particular. Desde a energia rítmica de *Ecstatic* à plasticidade métrica de *Funky*, passando pela estaticidade de *Cadenzas* ou a introspecção de *Improviso*, uma e cada qual almeja a sua vida própria, constituindo um pequeno quadro musical com história e particularidades intrínsecas. Ainda assim, houve três preocupações primordiais na concepção do conjunto: 1) dar momentos de destaque ao clarinete; 2) dar momentos de destaque ao acordeão; 3) criar momentos de

diálogo e interação entre os dois instrumentos. A escrita para o acordeão, com as suas quase infinitas possibilidades tímbricas, foi ao mesmo tempo uma preocupação (o que fazer com toda aquela panóplia de registos disponíveis?!) mas também um desafio! E apesar de todas as explicações, esta continua a ser música pura e abstracta, que deve ser usufruída pelo simples prazer de se ouvir.

O alinhamento proposto pelo autor é meramente indicativo, pois cada um dos andamentos é uma peça autónoma e auto-suficiente, podendo por isso ser executada independentemente, conjugada apenas com alguma(s) outra(s), ou até mesmo a totalidade delas noutro ordenamento diferente do aqui sugerido, à escolha dos intérpretes, considerando as especificidades únicas de cada concerto ou recital.

A realização desta adaptação para clarinete e piano, feita a pedido dos meus amigos e colegas Victor Pereira (clarinete) e Vítor Pinho (piano), exigiu um trabalho minucioso de reconversão da parte de acordeão às especificidades do piano. Embora o conteúdo musical da obra tenha permanecido inalterado, esta adaptação exigiu igualmente alguns pequenos ajustes de pormenor à parte de clarinete, por forma a manter orgânica a coerência do discurso musical neste novo formato instrumental.

LUÍS CARVALHO

Paulo Perfeito: *Blackwood Sonic Sculptures*

Construída em torno da forma sonata tradicional, esta composição em cinco andamentos adorna a tela sonora com pinceladas, texturas e matizes das mais diversas escolas estéticas. A alusão ao universo das artes visuais, patente no título, advém do facto de a grande inspiração para os diversos momentos musicais ter tido a sua génese na contemplação do trabalho de grandes artistas plásticos.

No primeiro andamento, onde a simetria geométrica e ambíguas dos intervalos de quarta contrasta com o rigor e a previsibilidade das tríades funcionais, existe uma analogia entre o cubismo de Georges Braque e a precisão figurativa de Eugène Delacroix, respectivamente. Por sua vez, o ambiente modal indistinto e a indefinição da pulsação rítmica no segundo andamento revelam um carácter claramente impressionista. Para o terceiro andamento, que numa sonata tradicional é tipicamente uma dança, tentei inspirar-me numa das bailarinas esculpidas por Edgar Degas; surpreendentemente deparei-me com um resultado final que, no meu imaginário, se aproxima muito mais das personagens de Fernando Botero a dançar em pontas. Os dois andamentos finais, complementares entre si, representam a monocromia de Mark Rothko expressa pela lentidão quasi-estática do início e as texturas voláteis de Jackson Pollock. O clarinete em jeito de tema e variações vai decorando o tema final no “dripping style” que caracterizou este artista. A unidade macroestrutural da obra é assegurada pela escolha dos centros tonais e pela recorrência de alguns motivos em vários andamentos.

Apesar da descrição do processo criativo de *Blackwood Sonic Sculptures*, o meu convite para cada ouvinte é que se deixe suggestionar pela música de modo a ser transportado para os universos visuais que mais o inspiram, concebendo a partir da audição desta obra a sua própria experiência transcendental.

PAULO PERFEITO